**ESTRATÉGIAS DE LEITURA COM ALUNOS DOS NONOS ANOS DA ESCOLA MUNICIPAL JOAQUIM CANUTO DE ARAÚJO POR MEIO DO GÊNERO LENDA**

Emilly Clécia Dias de Oliveira[[1]](#footnote-1)

Hortência Gomes Alves de Almeida[[2]](#footnote-2)

Patrícia Buarque Cavalcanti[[3]](#footnote-3)

Rossana Ramos Henz[[4]](#footnote-4)

**Resumo**

Com esse trabalho, pretendemos ofertar aos alunos da Escola Municipal Joaquim Canuto de Araújo, a compreensão textual do gênero Lenda como estratégia de estimulo à leitura. O PIBID-Letras aplicou sequências didáticas ordenadas e estruturadas para o desenvolvimento da habilidade de leitura por meio de atividades de múltiplas aprendizagens. O gênero textual trabalhado proporcionou aos alunos valiosos conhecimentos, uma vez que foi analisada toda a Lenda, sendo trabalhada minuciosamente, mostrando que o conteúdo torna-se mais instigante quando envolve a realidade que o aluno está inserido.

**Palavras-chave:** Estratégias deLeitura, Lenda, Letramento.

**INTRODUÇÃO**

Esse trabalho pretendeu permitir aos alunos da Escola Municipal Joaquim Canuto de Araújo, localizada na região da Mata Norte de Pernambuco, na zona rural de Tracunhaém, a compreensão textual do gênero Lenda, que é um gênero narrativo de cunho popular, transmitido oralmente de geração para geração, estimulando-os a observarem a representação da cultura local por meio da expressão artística e obras deste gênero textual.

Sabe-se que o ensino de leitura é complexo, pois a realidade nos mostra que os discentes não advêm de um ambiente letrado, tendo seu primeiro contato com a leitura na sala de aula. Assim, quando se deparam com textos que não convergem com a sua realidade, eles, os alunos, não se sentem instigados. Seguindo os pressupostos teóricos expostos pelas respectivas autoras: Teresa Colomer, Anna Camps e Angela Kleiman, buscamos desenvolver as estratégias de leitura com os alunos; habilidades que contribuem para a compreensão do texto.

A condição básica e fundamental para um bom ensino de leitura é a de restituir-lhe seu sentido de prática social e cultural, de tal maneira que os alunos entendam sua aprendizagem como ao meio para ampliar suas possibilidades de comunicação, de prazer e de aprendizagem e se envolvam no interesse por compreender a mensagem escrita. (COLOMER; CAMPS, p. 90, 2002)

É fundamental a aquisição da leitura no âmbito escolar, de modo a envolver o desenvolvimento dessa prática, acarretando a uma aprendizagem tanto para compreender a mensagem que o texto pretende transmitir, como também para ampliar o conhecimento enciclopédico. Kleiman (2013) complementa essa mesma ideia:

A leitura não é apenas um entendimento de um leitor inserido na cultura letrada, mas uma relação de aspectos sociais e culturais que perpassam pela atividade intelectual em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas em seu conhecimento linguístico, sociocultural e enciclopédico. (KLEIMAN, p.16-17, 2013)

E segundo as palavras da autora, são esses aspectos (conhecimento linguístico, sociocultural e enciclopédico), que influenciam na compreensão do texto. Fazendo com que o leitor, neste caso, o aluno, faça relação (comparação), entre seus conhecimentos prévios e o conteúdo do texto, visto que, o conhecimento de mundo é bastante valido neste momento.

Foi com base nisso que o PIBID (Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência) - Letras aplicou sequências didáticas ordenadas e estruturadas para o desenvolvimento da habilidade de leitura de Lendas, realizando oficinas, leituras e atividades de múltiplas aprendizagens. Por intermédio de uma entrevista feita por nós, bolsistas, com os estudantes, observou-se que existe uma necessidade de aperfeiçoamento das práticas de leitura pautadas na construção do conhecimento de forma reflexiva, criativa e histórica, desenvolvendo as potencialidades dos alunos no campo racional, mas também no campo das emoções, das habilidades artísticas e criativas.

Dessa forma, fez-se uma revisão teórica sobre as concepções de leitura, estudos sobre o assunto e, assim, levantaram-se práticas pedagógicas que possibilitam a intertextualidade para o trabalho com a leitura, de maneira que os alunos percebam a importância não apenas de ter uma prática de leitura, mas de saber relacionar com a realidade que os cerca. Percebe-se que entre o que o educador espera do aluno enquanto leitor e o leitor real que tem sido formado pela escola há uma grande distância, um vazio, a queixa, ou seja, a formação de leitores que existe na escola se baseia na necessidade, os alunos só procuram ler quando é realmente necessário, assim é importante antes de tudo trabalhar textos que instiguem os alunos a praticarem o hábito de ler.

Para tornar um aluno leitor, é necessário levar em consideração que a sociedade está em constante movimento histórico de interação ou oposição entre os sujeitos que dela fazem parte, a leitura na escola deve adaptar-se para alcançar essa interação entre o leitor do texto, pois é visto frequentemente aplicação de leitura de textos que os próprios alunos não fazem ideia do que se trata, já que a sociedade está em constante mudança é importante enquadrar o aprendizado no que cerca o alunado atualmente.

Assim, nas práticas educativas, deve-se formar indivíduos capazes dessa interação em seu meio social, para agirem com competência, visão de mundo, criticidade, formação de opinião e respeito ao espaço democrático de todos. É de suma importância tornar o discente o autor da própria aprendizagem e introduzi-lo a assuntos referentes a sua realidade social, econômica e cultural.

O desafio da leitura é uma incitação à democracia e cidadania, da formação do aluno enquanto cidadão leitor, e isso vai além das paredes da instituição de ensino. Porém, a escola é uma personagem muito importante nesse processo, pois é uma ponte para que esses alunos cheguem no patamar almejado e saber que a leitura tem uma enorme importância em suas vidas, já que é através dela que se é possível ter voz dentro da sociedade.

Tendo em vista o baixo índice de leitura dos alunos dos nonos anos da Escola Municipal Joaquim Canuto de Araújo, o PIBID - Letras, através de entrevistas com os discentes, percebemos que o gênero Lenda é o mais interessante para eles. Com base nisso, notou-se a necessidade de usarmos o gênero em prol do desenvolvimento da leitura. Considerando tais informações, levantou-se o seguinte questionamento: Como incentivar a leitura de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II, tendo como ferramenta textos do gênero Lendas?

**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Diante do que disse as autoras COLOMER e CAMPS (2002), vimos que é fundamental a aquisição da leitura no âmbito escolar, de modo a envolver o desenvolvimento dessa prática, acarretando a uma aprendizagem tanto para compreender a mensagem que o texto pretende transmitir, como também para ampliar o conhecimento enciclopédico.

É importante salientar que tornar um aluno leitor, é necessário levar em consideração que a sociedade está em constante movimento histórico de interação ou oposição entre os sujeitos que dela fazem parte, a leitura na escola deve adaptar-se para alcançar essa interação entre o leitor do texto, pois é visto frequentemente aplicação de leitura de textos que os próprios alunos não fazem ideia do que se trata, já que a sociedade está em constante mudança é importante enquadrar se o aprendizado no que cerca o alunado atualmente. Assim, nas práticas educativas, devem-se formar indivíduos capazes dessa interação em seu meio social, para agirem com competência, visão de mundo, criticidade, formação de opinião e respeito ao espaço democrático de todos. É de suma importância tornar o discente o autor da própria aprendizagem e introduzi-lo a assuntos referentes à sua realidade social, econômica e cultural.

Sabe-se que não é fácil fazer diferente do que se faz na escola porque o tempo, o espaço e a organização dos saberes escolar estão conformados dentro dessa lógica de escola tradicional há séculos. Porém é importante que o professor faça uma indagação de que se é possível trabalhar as mesmas práticas na sala de que se trabalhava no século XVI, pois muda tempos e espaços, mas as mudanças na escola são muito lentas e requer um esforço maior do professor. Sendo assim, sair da zona de conforto ainda é algo complexo para os alunos e toda mudança requer um esforço, e toda mudança demanda sacrifico de ambas as partes, tanto do aluno como também do professor, porque o professor sozinho não muda a sala de aula sem a ajuda dos discentes.

Ao analisarmos os dados estatísticos do IBOPE (2005), o analfabetismo funcional no Brasil alcança 68% da população (30% no nível 1[[5]](#footnote-5) e 38% no nível 2[[6]](#footnote-6)). Assim, Jean Piaget reforça essa ideia: A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe. Sendo assim, repetir as mesmas práticas de século passado na sala de aula só torna a interação com aluno difícil, pois eles ainda estão acostumados com a mesmice, ele só reproduz o que é passado para eles. Muitos alunos não se sentem instigados quando chega um professor que está disposto a ser um mediador de conhecimento, porque a zona de conforto ainda permanece na escola.

Faz-se necessário salientar os alunos sobre como pode ser valioso mudar, mudar algo na sala que torne os próprios discentes os autores de sua história, é necessário levar conteúdo que o aluno olhe e se identifique, pois na maioria das vezes, muitos alunos se fecham para o conhecimento devido a práticas na sala de aula que não foi trabalhado da maneira que deveria ter sido. Nota-se que faltam subsídios epistemológicos necessários para a ativação subjetiva do interesse pelo ato de ler, os quais serviriam de degraus condutores ao entendimento do texto e, consequentemente, do aumento do interesse pessoal pela leitura.

Ramos e Franklin, (2010, p. 43) destacam que é essencial à formação docente o apelo ao desenvolvimento do espírito científico, e citam Júnior (1968), que afirma:

Tarefa de natureza complexa, essencialmente espiritual, a educação exige do professor uma cultura geral sólida e variada, haurida no convívio diuturno com a literatura e com a ciência. E isso tanto para aperfeiçoar-lhe a “técnica” como para fornecer-lhe matéria prima substancial e pura (ALMEIDA JUNIOR, 1968, prefácio, grifo do autor).

Ou seja, para ser um educador é necessário não apenas ter uma formação, mas também que saiba trabalhar com o alunado os conhecimentos linguístico, enciclopédico, cultural e etc. E a leitura como ferramenta é capaz de mostrar ao aluno mundo nunca visto antes, conhecimentos que cerca a sociedade, mas que muitos não possuem um olhar complexo para descobrir a devida importância ao contexto educacional, dessa forma, espera-se que o discente seja capaz de desenvolver um olhar reflexivo e crítico na forma em que vê o mundo e então, seja capaz de transformar sua realidade. Para Vygotski, citado por Portilho:

Não é o nível de desenvolvimento do indivíduo que determina o que ele vai aprender, mas o ensino e a aprendizagem é que possibilita o desenvolvimento, incluindo o desenvolvimento potencial, ou seja, onde ele pode chegar. (2009, p. 58)

Assim, é necessário antes de tudo o próprio professor fazer uma reflexão e se perguntar se a sua prática na sala de aula está surtindo efeito, se os discentes estão conseguindo atingir seus conhecimentos de interação e intelectual, pois muitas vezes o docente não percebe que o erro não está no aluno que não se sente interessado pelo assunto, mas ele que não está sabendo como guiar seus alunos a construção do conhecimento no domínio cognitivo.

Geralmente quando um professor chega na sala de aula com algum livro alguns alunos se queixam: *“Ah, hoje vai ser aula de leitura”,* como se ler estivesse relacionado a algo desagradável e punitivo, assim, antes de tudo, para incentivar a leitura na sala é necessário acabar com essa estranheza relacionada aos livros, e o professor como modelo, mostrar ao aluno que ler pode ser divertido e prazeroso. Para que o discente tenha interesse no hábito de leitura, é significativo que o professor se mostre interessado no que ele quer passar ao aluno, ou seja, chegar com um livro, e mostrar que é um professor que pratica o que deseja que os alunos façam. Já que muitas vezes os alunos querem seguir o modelo do professor, mas para isso acontecer, o próprio mestre necessita colocar em prática seus próprios conselhos. Prática esta que se consubstancia mediante a inter-relação entre os sujeitos envoltos no ato de ler; o autor, o leitor, mediatizados pelo texto.

**METODOLOGIA**

Todas as atividades foram realizadas no turno da manhã do segundo semestre do ano de 2019, sendo uma vez por semana, nas turmas de nono ano do Ensino Fundamental II, sendo ambas compostas por trinta alunos cada, numa faixa etária entre 13 e 15 anos. Nossos encontros se davam todas as quintas-feiras, e em cada uma delas, uma lenda ela trabalhada, sendo por meio da leitura, interpretação, discussão, questionamentos, pesquisas e etc.

No dia 21 de agosto de 2019, no turno da manhã, aplicamos um questionário nas duas turmas de nono ano para que dados estatísticos fossem levantados na escola acerca do hábito de leitura de cada aluno dessas duas turmas, além de ficarmos cientes de qual gênero textual era mais bem aceito por eles. Foi por meio desse questionário, tomamos nota de qual gênero textual era mais bem-quisto pelo alunado, e foi comprovado que se tratava do gênero Lenda. Em cada encontro semanal, trabalhávamos com lendas de cunho folclórico ou urbano, e por meio delas, analisávamos os aspectos linguísticos, socioculturais, históricos e no final sempre colocávamos um ponto de discussão para que toda a turma participasse colocando suas opiniões.

É importante salientar, que quando trabalhávamos com lendas de outras regiões, sempre buscávamos fazer uma ponte até a nossa, para que a compreensão fosse mais ampla. Procurávamos comparar aspectos linguísticos, para notarmos as diferenças nos empregos de palavras; no aspecto cultural, nós bolsistas, os instigavam para que notassem, com mais clareza, que isso varia de acordo com a região e dos costumes daquele determinado povo; nos aspectos históricos, apontávamos que a assimetria se dava de acordo com a época, e quanto ao social, outros diversos fatores influenciavam, como a idade dos personagens e dos leitores, o público alvo que aquela lenda alcança, o objetivo da lenda, se tinha um teor de conscientização acerca de algo e etc.

A primeira lenda utilizada foi a da *“Cumade Fulozinha”,* que traz aspectos de nossa região Nordeste e disserta acerca da conscientização da preservação das matas, além disso, na versão da lenda escolhida e utilizada, falava-se que a *Cumade*, personagem principal da lenda, sofria bastante maus tratos de seu pai, o que foi um ponto de discussão entre nós bolsistas e os alunos. Por meio dessas discussões, os alunos deixam de ser apenas indivíduos passivos e passam a ser ativos em sala de aula.

Numa outra semana, utilizamos a lenda do *“Boto-cor-de-rosa”,* que é uma lenda folclórica da região Norte do país, o que fez com que o aspecto linguístico fosse bastante discutido, tendo em vista que havia muitas palavras não conhecidas pelos alunos, o que despertou a curiosidade deles em pesquisar em dicionários os significados, e após isso, apresentaram para a turma o que significava e qual palavra da nossa região poderia substitui-la. No final, fizemos um debate com aqueles que acreditavam na versão de que o *Boto* realmente existia e engravidava as mulheres e aqueles que não acreditavam. Muitas opiniões iam sendo colocadas, e notávamos que em cada semana, eles já vinham mais preparados para discutir. O vocabulário já era diferente, eles já tinham a quem referenciar em suas falas, e isso nos fazia perceber que a leitura estava indo muito mais além daquelas lendas em sala, e que verdadeiramente, ler estava se transformando num hábito.

Num outro encontro, outra lenda utilizada que chamou bastante atenção nos resultados, foi *“A loira do banheiro”,* que já é pertencente a região Sudeste e invés de folclórica, como as anteriores, é de cunho urbano. Além dos aspectos de costume serem discutidos (linguísticos, históricos, sociais, culturais), a versão da lenda trabalhada falava sobre o casamento arranjado de uma jovem, o que levou os alunos a comentarem sobre o tema *“machismo”.* Esse assunto fez com que nós, bolsistas, e a professora supervisora, falássemos um pouco sobre os malefícios do machismo na sociedade e qual o papel do feminismo frente a isto. Muitas meninas que nunca tinham ouvido falar do feminismo, ficaram encantadas em saber que há uma ideologia que se compromete em dizer que homens e mulheres devem ocupar o mesmo lugar dentro da sociedade. Alguns meninos, que muitas vezes agiam de maneira machista e nem percebiam, falaram que nem sabiam que aquilo era errado, e apenas reproduzia o que via sendo feito no meio social em que estão inseridos.

O gênero narrativo Lenda tem por característica ser um texto social e cultural transmitido oralmente através dos tempos, sendo supostos fenômenos sobrenaturais que despertam a curiosidade entre os leitores. São justamente essas características que aproximam os alunos do gênero citado. Sendo assim, esse gênero mostra-se capaz de instigar a leitura dos alunos tanto em sala de aula como também fora dela, abrindo portas para o interesse em outros gêneros, logo, a prática da leitura deixará de ser algo escasso.

Outras lendas foram trabalhadas em aula, contudo, foram estas que mais deram o que falar devido as problemáticas que abordam. Notamos que até mesmo os alunos mais tímidos passaram a participar ativamente das aulas, nos debates, nas pesquisas e até mesmo nas leituras coletivas e individuais, que era o nosso alvo principal a ser atingindo. O que deixou evidente que a maneira que se trabalha a leitura tem um grandioso papel, pois feita do jeito correto, só tem a somar, mas realizada de maneira equivocada, pode comprometer o hábito de vários indivíduos.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O trabalho em questão visou trabalhar durante todo o semestre de (2019.2) leituras, atividades dinâmicas, rodas de conversa, pesquisas e etc. por meio das lendas. Debates sobre os conhecimentos prévios dos alunos e sobre pontos destacados no decorrer da leitura também foram importantes para que esse trabalho fosse realizado.

Notou-se que a problemática que era o não hábito de leitura dos alunos, pode ser sanada quando é levado até a sala de aula textos de gêneros que agradem ao alunado, e foi justamente isso que nós, bolsistas, fizemos. É bastante importante que haja um diálogo entre aluno e professor para que esse tipo de problema não se perpetue, pois imaginemos que ninguém tivesse se importado em tratar dessa questão, até quando e onde esses alunos iriam levar esse costume de não ler, interpretar e discutir textos?

Muitas vezes, o professor, principalmente aquele se prende ao livro didático, que em alguns casos é mais vilão que herói, por não querer se adaptar as preferências dos alunos, tende a não seguir esse caminho de adaptar os textos levados a sala de aula, e passa a gritar aos quatro cantos que seu aluno não lê. Mas não lê por que? O que exatamente ele não lê?

Para que o hábito de leitura seja instigado, algumas estratégias são necessárias, pois dessa forma, todos alcançarão a compreensão do texto. É importante que o professor incentive a formação de opiniões e encorajem seus alunos a expressá-las. A leitura torna-se ponte de interação entre aluno e professor, já que através dela o pensamento crítico do aluno se molda.

Trabalhar com estratégias de leitura permite ao leitor ampliar e modificar os processos mentais de conhecimento, bem como compreender um texto. Compreender é a base para que todas as crianças se engajem completamente na leitura de livros de literatura e se tornem leitoras. (GIROTTO; SOUZA, 2010, p.108)

Com uma boa estratégia de leitura o rendimento do aluno irá alcançar um nível mais elevado de compreensão, pois ele passará a entender melhor tudo o que lê. E nenhum ambiente é mais adequado para esse incentivo que a escola.

Notamos que na Escola Municipal Joaquim Canuto de Araújo os índices de compreensão de textos, não só na disciplina de língua portuguesa, melhoraram bastante depois da nossa iniciativa. O que nos fez perceber que só faltava um pouco mais de atenção e jeito para lidar com essa situação. Os pensamentos críticos formados nos debates após a leitura de cada lenda, com as pesquisas e questionamentos, serão levados por esses alunos por toda a vida, já que não é só na escola que se pratica a leitura. Notamos, então, que foi um trabalho com grandiosos resultados que perpassarão os muros da escola, que fará daqueles discentes leitores, questionadores e estudantes críticos, que não só decodificam palavras, mas que compreendem e opinam acerca do que é lido dentro e fora de sala de aula.

Assim, o gênero textual lenda proporcionou aos alunos valiosos conhecimentos, uma vez que foi analisada toda lenda e trabalhada passo por passo, isso fez com que os alunos notassem aspectos dentro do texto que geralmente eles não encontravam quando liam sem um auxílio. O trabalho com o gênero lenda mostrou que o conteúdo se torna mais instigante quando é algo que envolve a realidade a qual o aluno está inserido, pois trabalhar o que não nos afeta é compreensível, mas trabalhar o que nos rodeia é prazeroso e significativo.

Os alunos se interessam por algo quando isso já foi vivenciado ou existe relato, pois, quando eles escolheram o gênero lenda, muitos alunos possuíam relatos de amigos ou familiares que já presenciaram essas pessoas da lenda.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A leitura é de fundamental importância para o processo de desenvolvimento da aprendizagem dos alunos na fase escolar, o que nos faz não ter dúvidas de que ler é a verdadeira fonte de conhecimento, mas infelizmente, o hábito de leitura nem sempre vem de casa, e quando se trata de famílias carentes, que em sua maioria nunca tiveram contato com a escola, esse índice só tem a crescer.

Por meio da leitura prazerosa o aluno passará a perceber que este hábito deverá ser levado por toda a vida, pois, estando inserido numa sociedade grafocêntrica, a leitura passará a ter papel de ferramenta integradora. O ato de ler faz com que o aluno saiba responder a questionamentos do mundo, tendo em vista que um leitor tem sempre uma opinião acerca do que lê.

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] é nos livros que temos a chance d entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade. (GROSSI, 2008, p.03)

A leitura desenvolve a capacidade intelectual e crítica e dessa maneira desenvolve a criatividade em relação ao meio em que o sujeito está inserido. Nossa intenção ao trabalharmos com lendas, foi muito mais além de apenas incentivar o hábito da leitura, mas fazer com que a educação obtivesse resultados efetivos; para que a própria linguagem, valores, ideias e opiniões de cada aluno fosse formada.

Além da leitura estimular a descoberta de mundos, ela proporciona aos alunos conhecimentos que compartilhado por vários indivíduos de diferentes realidades, torna-os responsáveis por minimizar as diferenças sociais, culturais e intelectuais, além de mediar os saberes construídos historicamente pela humanidade, pois o ponto é o que a leitura pode fazer pela sociedade, mesmo que a passos lentos.

A leitura como uma ferramenta de sala de aula tem o poder de mudar a menta e a própria realidade do indivíduo, uma vez que ler estimula a criatividade, trabalha a imaginação, exercita a memória, contribui com o crescimento do vocabulário e melhora a escrita, além de outros benefícios.

O incentivo à leitura visa melhorar a qualidade de Ensino nas Escolas. Mas é fundamental que essas políticas de incentivo à leitura, venham “investir em material humano, com a formação de mediadores de ler, professores e bibliotecários capazes de semear o prazer de leitura por todo o país” (LINARDI, 2008, p. 08).

Portanto, tornar o aluno leitor é uma missão complexa que cabe ao professor de língua portuguesa, pois não basta apenas relatar a importância da leitura aos alunos, mas mostrar a valiosa ferramenta que o aluno possui em suas mãos que são os livros, assim, a família, e posteriormente o professor, exercem um papel fundamental neste processo. Ao professor, cabe tornar o “hábito de leitura uma prática prazerosa no dia-a-dia da criança” (CARVALHO; MENDONÇA, 2006, p. 180). Sabe-se que é um desafio guiar a criança para tornar-se um leitor ativo, mas é possível, com prática e interação na sala de aula. É de suma importância para o educador quebrar a barreira que existe na escola tradicional de que a leitura é chata ou sem necessidade, é significativo mostrar que o momento de leitura é um momento de fruição, de prazer.

A leitura não é apenas uma atividade simples, mas é a interação do aluno com o texto, através da leitura é possível descobrir aspectos com que os discentes se identifiquem e os façam refletir. Para Stefani (1997, p.17), a leitura é uma arte. Existe a “arte de ler e a arte de escrever, as quais abrigam entre si as mesmas questões que todo processo criativo e artístico enfrenta’’, pois a leitura proporciona outras maneiras de enxergar o mundo e a sociedade a qual o indivíduo está inserido. Mesmo que seja um processo complexo vale a pena mostrar na sala de aula que o hábito de leitura faz com que as pessoas cresçam mentalmente e viajem sem sair do lugar.

**REFERÊNCIAS**

CARVALHO, Maria Angelica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (org.). **Práticas de Leitura e Escrita.** Brasília: Mec, 2006.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender*.*** Porto Alegre: Artmed, 2002.

GIROTTO, C. G. G.S.; SOUZA, R. J. **Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem.** Ler e compreender: estratégias de leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

GROSSI, Gabriel Pillar. **Leitura e sustentabilidade.** Nova Escola, São Paulo, SP, n° 18, abr. 2008.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura: Teoria e prática.** 15.ed, Campina, SP: Pontes, 2013.

LEONARDI, Amanda. **Os incríveis micro-contos de terror em duas frases: dá para assustar com tão pouco?** 2016. Disponível em: <<http://notaterapia.com.br/2016/06/30/os-incriveis-micro-contos-de-terror-em-duas-frases-da-pra-assustar-com-tao-pouco/>>Acesso em: 21 de Agosto de 2019.

LINARDI, Fred. **O X da questão.** Leitura. n. 18, 2008, p. 7-9.

# MOUTINHO, Wilson. Lendas. 2000-2019. Disponível em: <<https://www.coladaweb.com/cultura/lendas>>Acesso em: 21 de Agosto de 2019.

OLIVEIRA, Tania; ARAÚJO, Lucy. **Tecendo linguagens: Língua portuguesa.** 5.ed, São Paulo: IBEP, 2018.

PORTILHO, Evelise. **Como se aprende? Estratégias, estilos e metagognição.** Rio de Janeiro: Walk Ed., 2009.

RAMOS, E. C.; FRANKLIN, K. (org.). **Fundamentos da educação: os diversos olhares do educador.** Curitiba: Juruá, 2010.

SAVIANI, Demerval. **Sentido da pedagogia e o papel do pedagogo.** São Paulo: In: Revista ANDE nº 9, 1985.

**APÊNCIDE**

Assinale os gêneros que você gosta e ler com maior frequência e que deseja ser trabalhado em sala de aula:

1. NARRATIVOS

( ) Romance ( ) Conto maravilhoso ( ) Conto de Terror ( ) Lenda ( ) Crônica ( ) Fábula.

1. DESCRITIVOS

( ) Relatório cientifico ( ) Biografias ( ) Autobiografia ( ) Noticias ( ) Diário ( ) Reportagem.

1. EXPOSITIVOS

( ) Palestras ( ) Entrevistas ( ) Seminários.

1. OUTROS

( ) Cartum e Charge ( ) Poema ( ) Peça teatral.

1. [Emilly\_oliveira1998@hotmail.com](mailto:Emilly_oliveira1998@hotmail.com) Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE-CMN) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID). [↑](#footnote-ref-1)
2. [hortenciaalves82@gmail.com](mailto:hortenciaalves82@gmail.com) Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE-CMN) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID). [↑](#footnote-ref-2)
3. [patriciabu25@gmail.com](mailto:patriciabu25@gmail.com) Professora da Rede Municipal de Ensino da cidade de Tracunhaém-PE e Supervisora do PIBID (Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência) polo Tracunhaém. [↑](#footnote-ref-3)
4. [rossana.ramos@upe.br](mailto:rossana.ramos@upe.br) Doutora em Língua Portuguesa pela PUC São Paulo e Coordenadora do Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID) Letras pela Universidade de Pernambuco Campus Mata Norte (UPE-CMN). [↑](#footnote-ref-4)
5. Conhecido como alfabetização rudimentar, reúne aqueles indivíduos que conseguem ler e compreender apenas títulos e frases curtas de textos. [↑](#footnote-ref-5)
6. Conhecido como alfabetização básica, reúne aqueles que leem textos curtos, mas apenas absorvem informações soltas no texto, sem conseguir ter uma conclusão a respeito. [↑](#footnote-ref-6)